Um ano depois, a vida volta ao curso

São Luiz do Paraitinga começa 2011 reconstruindo sua história, resgatada da enchente que castigou a cidade nas primeiras horas de 2010

RONALDO ABREU VAIO
ENVIADO A SÃO LUIZ DO PARAITINGA

1º de janeiro de 2010, dia de Ano Novo. José Roberto da Silva lembra que acordou com o telefone tocando, às 9 horas. Do outro lado da linha, uma funcionária do seu restaurante, o Cantinho dos Amigos, no centro da cidade de São Luiz do Paraitinga. A notícia não era nada boa: com as chuvas que caíam sem parar havia três dias, o Rio Paraitinga transbordara e a água já estava na porta do seu estabelecimento.

"Fui pra lá na expectativa de que a água parasse ali", recorda. A esperança se justificava: enchentes nas ruas, na época das chuvas, não são incomuns. Mas, naquele dia, a água não parou na porta da rua. Ainda pela manhã, começou a entrar no restaurante. O pé direito do edifício é bem alto, tem quase sete metros. Silva e os funcionários foram colocando o que podiam no mezanino, computadores, doces, bebidas, utensílios de cozinha.

Durante todo o dia, o nível da água permaneceu em cerca de 80 centímetros. Por volta de 21 horas, voltou a subir. "E muito rápido", enfatiza.

À 1 da manhã, as mesas e as cadeiras começaram a boiar. A bancada de saladas, de aço inox, virou. A água lhes chegou ao pescoço. Só então perceberam o perigo que corriam e resolveram abandonar o restaurante. "Quando abri a porta, tinha um barco na frente".

A água subiu ainda mais. Por fim, chegou a roçar as vigas do teto, há pelo menos sete metros do chão. A cidade ficou às escuras, sem água potável e sem comunicação: o sistema de telefonia, iluminação e abastecimento de água entraram em colapso.

A MESMA HISTÓRIA

Silva reabriu o seu restaurante em 5 de fevereiro do ano passado, exatos 1 mês e 4 dias da tragédia. Esse foi o tempo que levou para, primeiro, "pôr o dinheiro que sobrou para secar". Com ele, comprou o material necessário para a limpeza e a pintura do imóvel.

"Se nós olhamos de 2009 e agora, ainda não temos o mesmo público. Mas se olhamos de janeiro a hoje, já estamos mil por cento melhor", avalia.

Com outros matizes e nuances, a história de Silva foi a mesma para quase todos os 10.908 habitantes de São Luiz do Paraitinga (estimativa do IBGE para 2009). Dos 426 imóveis do centro histórico, 18 acabaram arruinados e 65 avariados. A Igreja Matriz de São Luís de Tolosa, uma joia colonial, desabou, bem como a Capela de Nossa Senhora das Mercês.

Os dados da Defesa Civil do Estado mostram que 9 mil pessoas foram afetadas - ou desalojadas temporariamente ou perderam suas casas para sempre.

Foi o caso de Gabriela Rodrigues de Mendonça, de 53 anos. A contragosto, teve que deixar sua casa, ainda na noite do dia 31 de dezembro de 2009. "Queria pegar algumas coisas, mas diziam, 'isso é passado, deixa tudo aí'. Acabei saindo de camisola".

E o passado não demoraria a ruir completamente. Gabriela morava bem atrás da Capela de Nossa Senhora das Mercês. A capela tombou sobre sua casa, arrasando tudo. "Só ficou uma parede".

As roupas que veste hoje são todas doadas. Além disso, Gabriela ainda enfrenta uma depressão. Mas, como Silva, também já está se reerguendo: ela foi contemplada com uma das 151 casas populares construídas pelo governo do Estado, por meio da CDHU – uma das faces já visíveis do projeto de reconstrução da cidade.

Para essas casas, já se mudaram 100 famílias que perderam tudo na enchente. As outras 51 residências estão sendo ocupadas por famílias que moravam em áreas de risco e não possuíam imóvel próprio.

"A gente conseguiu até melhorar um déficit habitacional do município", disse a assessora de Planejamento da Prefeitura, Cristiane Bittencourt. Foram investidos mais de R$ 105 milhões pelo Governo do Estado e R$ 17 milhões pelo Governo Federal para a reconstrução.

FIM DO MUNDO

Outra face visível da reconstrução pode ser observada do quintal da casa de Odilon Francisco Bonafé, de 55 anos. O local, na verdade, é uma laje suspensa sobre a margem do rio. "Antigamente, a gente descia pelo barranco para pescar".

Hoje, o barranco não existe mais. Foi levado pelas águas, junto com os outros quintais de cimento, das casas vizinhas. O seu foi o único a permanecer intacto. Mesmo assim, trincado em vários pontos.

A antiga ribanceira, por onde desciam para pescar, foi transformada em uma espécie de muro de arrimo, de concreto, para conter as margens e evitar o pior no futuro.

Mas Francisco tem uma história muito particular com a tragédia. Ele foi um dos voluntários que ajudaram a salvar as pessoas das águas. Em botes das empresas de *rafting* de Paraitinga, levava os moradores para as partes altas da cidade, especialmente para o bairro do Cruzeiro.

Ironicamente, esse bairro é um dos mais carentes de São Luiz. Quando chove, é um dos que oferecem maior risco de deslizamentos. Ou seja, foi o reduto das pessoas mais humildes que acabou salvando a cidade inteira.

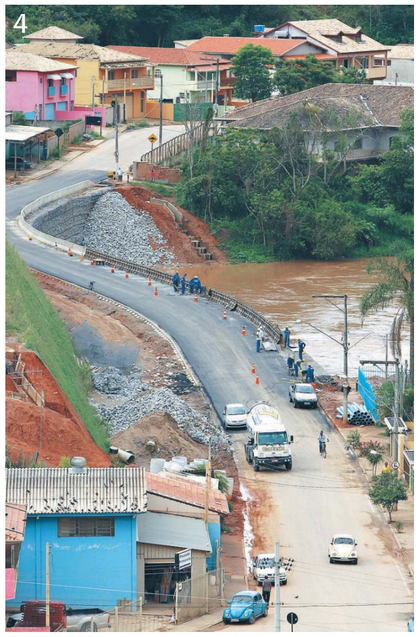
"Tinha acabado de sair aquele filme, 2012... pessoas que eu ajudei tinham assistido... comentavam... parecia o fim do mundo. Se Deus quiser, nunca mais verei uma enchente dessas".

LEIA MAIS SOBRE A CIDADE DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA NO CADERNO DE TURISMO

Patrimônio

Em dezembro do ano passado, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) resolveu, por unanimidade, declarar o centro histórico de São Luiz do Paraitinga, e seu entorno, como patrimônio histórico nacional. Anteriormente, em processos de 1974 e 1982, o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico de São Paulo (Condephaat) já havia tombado 450 imóveis na cidade

FOTOS DAVI RIBEIRO E ANDRÉ LUÍS FERREIRA



1) **Igreja Matriz** de São Luís de Tolosa antes da enchente; 2) Marca de **onde a água chegou** no segundo andar da Prefeitura; 3) **Vista geral** da cidade e o Rio Paraitinga; 4) Movimentação para **reconstrução** 5) **José Roberto da Silva**, à porta do Cantinho dos Amigos

Comentário

POR **ANDRÉ LUÍS FERREIRA**

Santista é testemunha da tragédia

"Estive em São Luiz do Paraitinga no último Réveillon. Não imaginava que seria testemunha ocular de tamanha devastação. Na manhã do primeiro dia de 2010, saí por volta das oito horas. Não reparei, mas o rio havia subido muito e algumas ruas próximas ao seu contorno já estavam alagadas, porém, nada que chamasse a atenção. Perto da hora do almoço, meu primo, que mora em São Luiz, chegou dizendo que a cidade estava inundada e que a água já havia coberto o Mercado Municipal. Não acreditei: em menos de quatro horas eu havia estado na rua em frente ao mercado e não havia água! Peguei meu equipamento fotográfico e desci. Chegando lá, tomei um susto: as ruas mais baixas próximas ao rio já haviam desaparecido sob uma água marrom. No segundo dia, mais de dois terços da cidade estavam sob a água. O centro histórico havia desaparecido. Muitas pessoas ficaram ilhadas na parte alta do Cruzeiro e acabaram incomunicáveis. Sem água e luz, havia um sentimento de desespero no ar. Fui um dos primeiros a voltar à cidade depois que o espaço foi liberado para a imprensa. Não acreditei no que vi: televisores presos nos fios da rede elétrica, postes de aço retorcidos, árvores arrancadas pela raiz. A igreja era apenas um amontoado de escombros e os carros estavam empilhados uns nos outros. Faço votos que São Luiz do Paraitinga esteja recebendo a devida atenção dos órgãos competentes. Esse é um lugar que deve ser restaurado e continuar contando a história de nosso País".

ANDRÉ LUÍS FERREIRA É FOTÓGRAFO, JORNALISTA E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

Restauro das igrejas

Os projetos já existem. O dinheiro também está alocado. Agora, a expectativa é que o restauro da Igreja Matriz de São Luís Tolosa comece ainda esse mês e se estenda por dois anos. O custo total é de mais de R$ 3,5 milhões e a supervisão ficará a cargo do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat), vinculado ao Estado. Já a Capela de Nossa Senhora das Mercês será reconstruída com recursos da União, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). As obras devem começar e terminar no ano que vem. Hoje, o que restou dos dois templos está isolado e protegido por uma espécie de tenda. A ideia é utilizar na reconstrução o que

for possível das estruturas originais. Até agora, além da proteção à área dos templos, também foi feita a recuperação das 16 imagens perdidas na catástrofe, incluindo a do padroeiro, São Luís Tolosa. A de Nossa Senhora das Mercês, por exemplo, partiu-se em 92 pedaços e já foi devidamente reconstituída

Elpídio dos Santos

São Luiz do Paraitinga tem nove eventos musicais oficiais ao longo do ano. Um deles, o mais pitoresco, é um concurso de marchinhas para compositores locais, realizado em janeiro ou fevereiro de cada ano. A cidade tem, pelo menos, 15 grupos musicais reconhecidos, em diversos gêneros. Um dos frutos mais ilustres dessa efervescência musical foi sem dúvida o multiinstrumentista e compositor Elpídio dos Santos, que batiza o coreto da Praça Oswaldo Cruz, a principal da cidade, onde está a Igreja Matriz. No País, ficou mais conhecido por ser o autor de Casinha Branca (Você Vai Gostar) e

parceiro musical do comediante Mazzaropi. "Ele tem umas 25 músicas nos filmes", calcula Cinira dos Santos, de 85 anos, que ficou casada 17 anos com Elpídio, até seu falecimento, em 1970. Cinira conta que, em vários filmes, Mazaroppi escolheu São Luiz como cenário. "O Paraíso das Solteironas (1969) ele filmou todo aqui". Ano passado foi o centenário de nascimento de Elpídio dos Santos. A TV Bandeirantes organizou um mega show, em setembro de 2009, em frente à Matriz, para homenagear o compositor. Fafá de Belém, Zeca Balero, Zé Geraldo e Renato Teixeira foram alguns dos nomes que participaram do evento. Também foi, certamente, a última vez que houve um registro televisivo da igreja, antes da tragédia. O show acaba de ser lançado em DVD

Afogado, especialidade local

Parece uma piada de mau gosto, mas o nome do prato principal de São Luiz do Paraitinga é Afogado. Consiste de carne de boi e de porco cozida em água com especiarias - daí o nome, pois a carne parece que está 'afogada' na água. É geralmente servido com farinha e batata ou arroz. A origem do prato está vinculada à fundação da própria cidade, em 1769. Na época, o lugar onde seria fundada Paraitinga ficava na rota do chamado Caminho do Ouro, utilizado para escoar a produção aurífera de Minas Gerais ao porto de Paraty, de onde seguia para Portugal. Por ser prática, o Afogado era a principal comida do tropeiro em trânsito

Filho ilustre

O médico sanitarista Oswaldo Cruz nasceu em São Luiz do Paraitinga, em 5 de agosto de 1872. A casa onde morou na infância ainda está de pé - faz parte do conjunto do centro histórico de São Luiz. O imóvel não foi danificado pela enchente, mas está em reformas

Polião retrata fé e tradição da **Festa do Divino**

O olhar recai sobre o Sagrado Coração de Jesus, na parede do quarto. Geraldo Polião é muito religioso. Há 40 anos, metade de sua vida, faz questão de ajudar ativamente na Festa do Divino, a segunda maior do calendário festeiro de São Luiz do Paraitinga – só perde para o Carnaval.

"Eu tiro frango, leitão, bezerro, que as pessoas vão dando para o Divino". Explica qual é a primeira de suas atribuições na festa: sair pela zona rural da cidade, arrecadando doações, literalmente, 'em espécie'. Até o momento já juntou nove bezerros para a próxima.

Se não puderem ser diretamente aproveitadas na festa, as doações são vendidas; o dinheiro arrecadado é então revertido para o Divino.

A Festa do Divino, um culto ao Espírito Santo, é uma das mais antigas do Catolicismo. Acontece 50 dias depois da Páscoa, na época de Pentecostes, em maio.

Há 40 anos ele ajuda no evento, recolhendo doações em espécie na zona rural. Já conseguiu nove bezerros

Em Paraitinga, a festa já tem uma tradição de quase 200 anos. Em seus 10 dias de duração, missas, procissões (são cerca de 20) e apresentações folclóricas se revezam.

Nesse último quesito, destaque para os bonecões Maria Angu e João Paulino, similares aos bonecos gigantes do Carnaval de Olinda, em Pernambuco. Acredita-se que os bonecos foram inspirados em um casal que vendia pastel de angu no Mercado Municipal da cidade.

"Sou devoto. Quando a gente faz uma promessa, ele atende", afirma Polião, mostrando o pavilhão com o pombo, símbolo do Espírito Santo – imagem da própria festa.

Nascido na zona rural de Paraitinga, Polião nunca foi à escola, não sabe ler nem escrever. Trabalhou na roça a maior parte da vida.

Já recebeu duas graças do Divino, conta, em duas cirurgias bem-sucedidas. Mas o Divino não evitou a enchente em Paraitinga, nem mesmo poupou a Igreja Matriz. Castigo?

"Acho que não. Quando tem festa, você olha, não cabe nem uma agulha na praça. Se ela caiu, é porque estava pra cair. Deus só fez ela cair na hora que não tinha ninguém".

Carnaval

O Carnaval de rua em São Luiz do Paraitinga é hoje um dos mais concorridos do Estado. Em 2009, a cidade chegou a receber 30 mil foliões por dia. O entusiasmo de tanta gente acaba prejudicando os fornecimentos de água e de luz. Tanto que, para este ano, a Prefeitura local pretende limitar a entrada na cidade. O afluxo se justifica pelo inusitado do carnaval luizense. A atração principal são 26 blocos, que desfilam de sexta a terça-feira de Carnaval. Mas não são blocos comuns. São Luiz tem grande tradição musical. Assim, cada bloco tem sua marchinha-tema, composta por seus integrantes. O folião aprende a marcha e sai cantando. Mas o que poucos forasteiros sabem é que São Luiz ficou sem Carnaval durante 60 anos e que a festa só renasceu por conta da indignação popular. Em 1980, uma reportagem na tevê dava conta de que em Paraitinga não havia Carnaval porque as pessoas acreditavam que 'nascia rabo e chifre' em quem comemorasse a festa pagã. "Um padre dizia que era coisa do demônio. A população, muito religiosa, acatou", disse o diretor de Cultura de São Luiz do Paraitinga, Benedito Filadelfo de Campo Netto. Mas, naquele ano, houve a revolta: um grupo de jovens se organizou para fundar os primeiros blocos. Em 1982, surgiu o bloco Encuca a Cuca, em que as pessoas, à moda dos carnavais da Idade Média, em Veneza, saíam de preto e mascaradas. "Era a oportunidade das pessoas religiosas saírem sem serem reconhecidas. Minha avó fazia isso, ninguém sabia quem ela era", Netto entrega. Além disso, o bloco pesquisou lendas locais, criou bonecos gigantes inspirados nessas lendas e deu a formatação atual do Carnaval em São Luiz. Ano passado, a enchente acabou com a festa, que normalmente acontecia na praça da Matriz, coração do Centro Histórico. Este ano, os festejos retornam, mas na entrada da cidade, próximo à rodoviária

"A enchente não matou o **Saci**", diz jornalista

Tudo começou como uma 'brincadeira séria', em julho de 2003. Hoje, pode-se dizer que São Luiz do Paraitinga é a morada do saci-pererê.

"Muitos já falavam da invasão dos estrangeirismos e da perda da mitologia brasileira", explica o jornalista Jo Amado. Ele é um dos fundadores da Sosaci - Sociedade de Observadores de Saci. "Resolvemos criar uma associação para valorizar a mitologia brasileira".

Embora a maioria dos fundadores não seja de Paraitinga – Jo, por exemplo, é de São Paulo – a cidade foi escolhida a dedo para ser a sede da sociedade, por ser rica em manifestações mitológicas.

O primeiro ato foi o Grito do Saci, ainda em 7 de setembro de 2003. A repercussão foi grande. "Vieram os principais jornais, emissoras de rádio, de TV". E a brincadeira ficou séria de fato.

Jo Amado é um dos fundadores da Sociedade de Observadores de Saci, que tem sede no município

A começar por São Luiz do Paraitinga, várias cidades do País instituíram o Dia do Saci, em 31 de outubro. A data não foi escolhida por acaso: nesse dia costuma-se comemorar o Halloween, o maior símbolo daquilo que é combatido pela Sosaci.

Aliás, a escolha do Saci também não foi por acaso: ele é a imagem mais conhecida do folclore brasileiro. Há várias versões para a lenda. Uma delas diz que o saci foi um escravo que preferiu sacrificar a perna, a continuar aprisionado a um grilhão.

Como todos na cidade, Jo foi vítima da enchente. Seu carro ficou embaixo d'água. Ele também perdeu o computador. Mas o pior foi ver os cerca de 2,5 mil livros afogados em um metro de lama, dentro de casa. "Uma vida", lamenta.

É pessimista quanto à recuperação da alma de Paraitinga. Para ele, a cidade nunca voltará a ter o encanto de antes. Mas uma coisa é certa: "A enchente não matou o Saci".

Tanto é verdade, que a Sosaci continua com seus cerca de 6 mil associados informais, dos quatro cantos do País e até do exterior. A base desse movimento só podia ser a internet. Para conferir as estripulias do saci, acesse: www.sosaci.org.